

RESENHA

TRASK, R.L. **Entendendo linguística**. Ilustrações de Bill Mayblin. Tradução de Ana Maria Gasonato. São Paulo: Leya, Col. Entendendo, 2013, 176 p.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.468

Marcelo Módolo

Universidade de São Paulo, modolo@usp.br

orcid.org/0000-0001-5808-9368

Robert Lawrence Trask foi professor de linguística na Universidade de Sussex, no Reino Unido. Especialista em linguística histórica e na língua basca, foi também autor de inúmeras outras obras sobre temas gramaticais do inglês e terminologia técnica da linguística.

A obra aqui resenhada faz parte da coleção *Entendendo (Introducing*, no original inglês), composta por livros ilustrados que abordam diversos campos de estudo, tais como a filosofia, psicologia, política, religião, estudos culturais e linguística. Cada livro é escrito por um reconhecido especialista do assunto e ilustrado por um artista plástico. A coleção oferece informações úteis e objetivas para leitores que tanto buscam um primeiro contato com o assunto, como desejam adquirir um conhecimento conciso sobre esse tema.

Mais propriamente sobre o arcabouço estrutural do volume, tanto no original em inglês, como na tradução brasileira, não há sumário dos assuntos tratados. Os assuntos vão se justapondo abruptamente em um crescer temporal que vai de Aristóteles a Noam Chomsky, fornecendo uma revisão dos avanços mais recentes e marcantes em alguns campos do saber, tais como: a criação da primeira língua por crianças, a linguagem do cérebro, línguas de sinais, mudança de linguagem e pré-história linguística, sexismo na linguagem, a engenharia da linguagem e as propriedades universais das línguas. A falta de um sumário é compensada com um *Índice remissivo* de duas páginas (pp. 174-175), ao final do volume, também presente no original em inglês, no qual o consulente pode vislumbrar o conteúdo do livro.

Ponto a se destacar, ainda nos aspectos formais, são as *Leituras complementares* (pp. 172-173), igualmente presentes no original em inglês, nas quais o autor comenta brevemente quatorze obras para as pessoas que queiram se iniciar na linguística como ciência. As sugestões vão de manuais simples até obras de caráter mais enciclopédico, aquelas que se têm de manter em cima da mesa de trabalho.

A tradução em língua portuguesa esforça-se para captar o tom informal da escrita de Trask conjugada às ilustrações do designer londrino Bill Mayblin. No entanto, cai em inúmeras impropriedades técnicas e de língua portuguesa. Há, igualmente, cortes de trechos do original inglês que dificultam a compreensão de passagens subsequentes da tradução. Não sendo exaustivos, listamos uma dúzia desses exemplos coletados:

- 1) Aristóteles tornou-se “escolástico” na tradução de “The great Greek scholar Aristotle (384-322 BC) took the first step.” para “O grande **escolástico** grego Aristóteles (384-322 a.C.) deu o primeiro passo.” p. 6, o substantivo deveria ser traduzido por “estudioso”;
- 2) A localização temporal de Prisciano fica prejudicada ao se traduzir “The Graeco-Latin tradition was ultimately synthesized in the work of the most influential Roman grammarian, Priscian, who wrote in the 6th century AD” para “A tradição Greco-latina foi sintetizada no trabalho do mais influente gramático, romano, (sic) Prisciano, no século **VI a.C.** p. 8, sendo que o correto deveria ser VI d.C.;
- 3) O trecho “Moscow Linguistic Circle had links with the semiotic ‘formalists’ of OPOJAZ (Petrograd Society for the Study of Poetic Languages, 1916-30) p. 27 teve a infeliz tradução para “O Círculo Linguístico de Moscou tinha ligações com **os ‘formalistas’ semióticos do OPOJAZ (Sociedade de Estudos da Pós-Graduação da Poética das Línguas 1916-1930)**, sendo o correto algo como “O Círculo Linguístico de Moscou tinha ligações com os semioticistas ‘formalistas’ da OPOJAZ (Sociedade de Petrogrado para o Estudo de Línguas Poéticas, 1916-30)”;
- 4) Há falta de conhecimento do idioma de origem na tradução da frase “He attacked the common prejudice that race, culture and language are part and parcel.”, na qual a expressão idiomática do inglês “part and parcel” foi traduzida ao pé da letra para “Ele combateu o preconceito comum de que raça, cultura e língua são **parte e parcela**” p.28. A expressão deveria ser traduzida como “um todo interdependente”;
- 5) Há supressão de todo o trecho “Though trained as a specialist in the Germanic languages of Europe, Leonard Bloomfield (1887-1949) first made his name by demonstrating that the techniques of historical linguistics, already applied so successfully to European and Asian languages (...)”. que deveria estar na p. 34, tornando o balão que o segue incompreensível, além da própria tradução desse balão conter impropriedades;
- 6) Hilário é ainda ler o livro clássico de Leonard Bloomfield sendo traduzido como um livro didático em “But Bloomfield became best known for his 1933 textbook, also called Language, (...)”, além do erro na grafia do ilustre linguista norte-americano: “Mas **Bloomsfield** (sic) tornou-se mais conhecido por seu **livro didático** de 1933, também chamado de *Linguagem*, (...) p. 35

- 7) Igualmente hilária e uma aberração é a tradução do trecho “Impatient with what they saw as the armchair theorizing of European linguists, (...)” que acabou por se tornar algo incompreensível com a tradução da p. 36: “A geração seguinte de linguistas norte-americanos tirou muito de sua inspiração em **Bloomsfield** (sic). Impacientes com a visão que tiveram de uma **poltrona teorizante** de linguistas europeus (...)” o correto seria “‘teoria de poltrona’ de linguistas europeus”;
- 8) “Nicaraguan Sign Language” foi traduzido como “Língua **dos** sinais nicaraguense”, ao invés de “Língua de sinais nicaraguense”, título da p. 76, mantido de forma errada também na p. 124;
- 9) “usuários” de uma língua foi substituído pelo horripilante português “utilizadores” de uma língua, na mesma página, p. 76: “These children became the first ever native users of Nicaraguan Sign Language (...)” aparece como “Essas crianças tornaram-se os primeiros **utilizadores** nativos da Língua Nicaraguense de Sinais (...)”;
- 10) Há outra supressão de toda a frase “And one day in the future, everybody will say was.” na tradução da p.101, tornando o conceito de variação linguística debatido – na sequência– pouco compreendido;
- 11) Nessa mesma p. 101, uma impropriedade histórica tremenda ao traduzir Norman Conquest of England por “Conquista **Viking** da Inglaterra”. Desde o ano 1000, os vikings normandos já não eram mais pagãos e sim cristãos, falantes do francês. Portanto, já estavam totalmente aculturados ao novo território em 1066, quando os normandos vencem a Batalha de Hastings, e com isso conquistam o trono inglês. Dessa forma, não podemos considerá-los mais como vikings. A tradução correta seria “Conquista **Normanda** da Inglaterra”.
- 12) “relative clauses” foram traduzidas impensadamente como “orações subordinadas”, igualmente “tense-markings” foram traduzidos como “tempos verbais” na p. 123, assim a compreensão do trecho “We introduce all sorts of grammatical elaborations, such as relative clauses and tense-markings, which the pidgin we learned did not have” ficou muito prejudicada ao ser traduzida por “Introduzimos todo tipo de elaboração gramatical, tais como orações subordinadas e tempos verbais que o pidgin que aprendemos não tinha.” ao invés de “Introduzimos todo tipo de elaboração gramatical, tais como orações relativas e marcadores temporais que o *pidgin* que aprendemos não tinha.”

Em relação ao conteúdo, há assuntos conhecidos da historiografia e de discussões linguísticas em geral e outros menos, mas instigantes, como, por exemplo, o tratamento dado ao gênero dos substantivos pelo dyirbal nas pp. 51 e 52. O dyirbal é uma língua de aborígenes da Austrália que faz parte do grupo de linguagens Pama-Nyungan. A característica mais notável

e particular do idioma dyirbal é seu sistema de gêneros gramaticais. Assim como em Luganda (10 gêneros), Pirahã e Polonês (5 gêneros), Zande, Tcheco e Tagalo (4 gêneros), há mais do que os tradicionais 2 e 3 gêneros dos demais idiomas.

Segundo Lakoff (1987), apoiado em dados do linguista britânico Robert Malcolm Ward Dixon, o dyirbal tem quatro gêneros e o gênero de um substantivo seria previsível a partir de seu significado. Por exemplo, uma das quatro classes de gênero, chamada de classe de gênero II classificada por Dixon, inclui todos os substantivos pertencentes a mulheres, todos aqueles pertencentes a fogo e todos aqueles que denotam coisas que são perigosas, como cobras.

Outro assunto que poderíamos destacar é o surgimento de uma nova língua, a *Língua de sinais nicaraguense*, nas pp. 74-76, que se mostra um relato muito interessante cientificamente.

A Língua de Sinais Nicaraguense, também conhecida como ISN (Idioma de Sinais de Nicaragua ou Idioma de Signos Nicaraguense) é uma língua de sinais que surgiu espontaneamente entre as pessoas surdas do oeste da Nicarágua, com início nos anos 70. Ela é de particular interesse aos linguistas pela oportunidade de se poder estudar o nascimento de uma nova língua.

A ISN surgiu com a criação de uma escola para surdos em Manágua em 1977. Nessa escola, o currículo dava grande ênfase ao ensino do espanhol e da leitura labial, com o ensino de linguagem de sinais restrito a gestos para representar letras (usados geralmente apenas para representar palavras que precisavam ser soletradas, como nomes próprios). Esse método levou a problemas de aprendizado por grande parte dos alunos, que não conseguia entender o conceito de palavra.

No entanto, os alunos acabaram por se comunicar livremente fora de sala de aula sem usar o sistema imposto pelos professores, e complementavam os gestos aprendidos por gestos próprios ou aprendidos de outras fontes, levando ao surgimento de uma língua própria.

Quando se descobriu o que estava ocorrendo, o fato foi divulgado em várias revistas científicas mundo afora e se tornou alvo de pesquisa. Alguns desses linguistas fizeram críticas ao incentivo dado à Língua de Sinais Nicaraguense, afirmando que seria antiético isolar as crianças surdas nicaraguenses limitando-as ao uso da ISN, (desestimulando o uso de línguas mais conhecidas como a American Sign Language) numa tentativa de estimular seu crescimento. Mesmo assim, tem-se visto um crescimento estrondoso no uso da ISN. Assim, a ISN é considerada uma prova de que a capacidade de se comunicar é inata ao cérebro humano, e não algo aprendido apenas por intermédio da convivência.

É de se lamentar que trabalho tão interessante para a vulgarização da linguística, feito por um linguista de renome, tenha uma edição tão mal cuidada em português. Há trechos muito prejudicados pelas falhas de tradução que, a nosso ver, não se enquadram apenas em uma deficiência técnica, mas em uma falta de conhecimento do idioma de origem. Revisões fazem-se necessárias para uma possível próxima edição. Não recomendamos a leitura da edição brasileira,

dada a quantidade e qualidade dos erros de tradução. Melhor os principiantes lerem esse texto saboroso no original escrito em inglês. Infelizmente, parece que nesse título imperou com todo o vigor a máxima italiana *traduttore traditore* e muito descaso da casa editorial que o publica.

Referências

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press: 1987.

TRASK, R.L. **Introducing linguistics**. Illustrations by Bill Mayblin. Icon Books, UK & Totem Books, US, 2000.